

## ***Preta Nua Crua*** **A voz que ecoa nas poesias de Mel Duarte**

Lorena Barbosa\*

Essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem pudor. (Conceição Evaristo, 2011).



*Negra Nua Crua* é o segundo livro publicado de forma independente por Mel Duarte, poeta, slammer e produtora cultural. A obra, lançada em 2016 pela editora Ijumaa, em São Paulo, traz consigo o prefácio da cantora Tássia Reis e carrega 75 páginas de poesias que retratam, de forma arrebatadora, as vivências, inquietações, dores e experiências da mulher negra contemporânea sob a sua própria ótica: a autora, a partir de si, generaliza a condição do sujeito feminino negro e expõe em versos o que cerca esse ser por vezes estereotipado ao longo da literatura brasileira, mas que vem ganhando voz – e representatividade nas escritas atuais.

O livro é dividido em três partes: na primeira, “Negra”, a autora perpassa pelas questões raciais, sociais e de gênero que cercam a mulher negra do século XXI. Falando de preconceito, solidão e maternidade, Mel Duarte reafirma a negritude numa voz que ecoa e traz para os seus poemas uma visão diferenciada sobre o sujeito de quem se fala. Este, por sua vez,

será uma pessoa que enfrenta dramas cotidianos, ama o seu cabelo, as suas raízes negras e a sua luta. No poema “Melanina”, a autora afirma:

Preta:  
Mulher bonita é que vai à luta!  
Quem tem opinião própria e não se assusta  
Quando a milésima pessoa aponta para o seu cabelo e ri  
dizendo que  
“Ele está em pé”  
E a ignorância dessa coitada não a permite ver...  
Em pé, armado,

[...]  
Pra mim é imponência  
Porque cabelo de negro não é só resistente  
É resistência. (2016, p.11).

Vocacionando a mulher negra, a autora expressa palavras de empoderamento para quem, de forma histórica, teve a sua estética desvalorizada pelos padrões sociais. Desse modo, ressignifica também a visão sobre os cabelos crespos, oriundos da raça negra.

Falando de um problema secular que é a solidão da mulher negra, o poema “Exposta”, traz versos como: “[...] foi dessa carne negra que sangrou gota a gota a falta da sua companhia / contei os dias da sua ida / marcando na pele / rasgando a epiderme / deixando uma ferida”. (2016, p.12).

Na segunda parte, “Nua”, os versos são marcados pelo erotismo e pelo descobrimento do corpo feminino. Trata-se de desejos, sensações e prazeres, mas sempre tendo como foco principal a personagem negra que se intercala entre ficção e realidade. Em “Lua Cheia”, temos como exemplo: “[...] de tanto desejo, essa carne negra / não nega aconchego, não impõe regras / e quando me reconheço em suas letras / perco as palavras / mais uma noite de lua cheia, o consolo que sobra a sua falta”. (2016, p.31). E, em “Hoje eu”, temos: “[...] Só me consome esse desejo, culpa da tua pele, teu calor / negro, me diz como faz para acalmar a carne? / pra saciar esse querer que a minha alma invade?” (2016, p.46).

Perpassando pelo tema e tornando harmônica a junção de erotismo vs figura feminina, a autora quebra o tabu sexual imposto sobre a mulher, sobretudo, negra. Um ponto importante é que os versos dessa segunda parte, “Nua”, vêm sempre carregados de tons afetivos, reconfigurando o estereótipo da mulher negra descrito na literatura canônica como ser meramente sexual, em que, segundo Cristian Souza de Sales:

São configurações construídas por escritores não negros, em sua maioria, expressam situações em que a malícia, a imoralidade, a permissividade são apresentadas como características inerentes ao comportamento moral da mulher negra, aparecendo no imaginário brasileiro como um corpo à disposição, pronto para consumo pela dominação masculina: um corpo possuidor de uma sexualidade voraz e pervertida, tratado como um corpo-produto e corpo-objeto. (SALES, 2012, p. 22-36).

A mulher negra, nesse momento, toma a voz da sua própria história e começa a não ser mais narrada pelo outro – domesticada pelo e para o outro. Aqui, ela tem o poder de falar de si e para si, abordando os seus desejos mais ínfimos.

Em “Crua”, terceira e última parte, o lado visceral da poeta surge na forma de combate a preconceitos e conservadorismos sociais. No primeiro poema, a autora se apropria do discurso emancipatório em prol da figura feminina e dita palavras de respeito ao gênero, fazendo apelos: “[...] Seu discurso machista machuca / e a cada palavra falha / corta minhas iguais como navalha / ninguém merece ser estuprada”. (2016, p.55).

Desde o século XVII, as alteridades vêm sendo representadas em verso e em prosa de forma estereotipada, tendo a sua imagem e a corporeidade marcadas pelo discurso etnocêntrico e patriarcal. A mulher negra, permeada pela herança escravocrata, foi representada, por vezes, de forma desumana pela escrita dominante, sempre falada por outrem, sujeitada a representações pejorativas que tiravam de si toda a complexidade e peculiaridade que envolve o ser humano. Mas

há escritas, potencializadas a partir da contemporaneidade, que ultrapassam todos os limites da própria literariedade e que são fortemente entrelaçadas por um cunho social, racial e, sobretudo de gênero. Escritas que transcendem a marca do papel com sujeitos dispostos a reescreverem a sua própria história. Mel Duarte, com *Negra Nua Crua*, é um desses sujeitos que, na literatura, ressignifica o seu papel.

Trazendo à tona a todo o momento a sua condição como negra, a autora reconstrói os seus heróis, estes que por sua vez serão sempre referências afrodescendentes, marcando em seus versos frases como: “[...] Encontro forças na trajetória de Angela Davis e Marighela / respeitando e aprendendo com Carolina, Malcon, Dandara, Zumbi e Mandela. (2016, p.23). Tais trechos relembram Luiz Gama, no século XIX, quando em “Lá vai verso”, o autor heroifica uma mulher negra. Em “Nua”, impossível não lembrar, também, da liberdade sexual com que Conceição Evaristo constrói Natalina, em “Quantos filhos Natalina teve?”, no livro *Olhos d’água*, de 2014.

A voz da mulher negra é uma voz que revoluciona – traz consigo uma carga de ruptura com as representações e vozes homogêneas que se consolidaram na história da literatura brasileira. A poesia de Mel Duarte é marcada pela oralidade e pelas rimas que se assemelham ao rap e aos saraus que acontecem em grandes cidades do país, uma vez que foi nesse espaço que a autora se consolidou. *Negra Nua Crua* é, sem dúvidas, uma obra para quem tem interesse em conhecer mais sobre a poesia marginal, sobretudo quando se trata de temas raciais e de gênero, além de leitura fluida proporcionada por rimas simétricas.

Se cair a gente levanta  
Mulher sim,  
Negra sou,  
Punhos serrados até o fim  
Meu tempo é agora.  
(DUARTE, 2016, p. 23).

## Referências

DUARTE, Mel. *Negra Nua Crua*. São Paulo: Ijuma, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

SALES, C.S. *Pensamentos da mulher negra na diáspora: escrita do corpo, poesia e história*. São Paulo: Sankofa, 2012.

---

\* Lorena Barbosa é graduanda do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista de iniciação científica do Neia – Núcleo de estudos interdisciplinares da Alteridade – em que desenvolve pesquisas focalizadas nas escritas de mulheres negras. Possui formação em artes visuais pela Oi! Kabum – Escola de Arte e Tecnologia em BH. É blogueira e colunista do site Mulher Mineira.